



OPINIÃO

Da pastagem degradada ao ativo bilionário: como o Brasil pode liderar a agricultura regenerativa

Henrique Galvani (*)

A agricultura regenerativa deixou de ser uma pauta restrita a especialistas em sustentabilidade para se tornar uma das principais apostas de grandes fundos de investimento.

A razão é clara, o setor combina três fatores estratégicos que atraem capital global, escalabilidade, impacto socioambiental e retorno financeiro de longo prazo.

No Brasil, essa oportunidade é ainda mais evidente. Segundo dados do MapBiomas, o país possui 164 milhões de hectares de pastagens, dos quais uma parte significativa está degradada ou subutilizada. A Embrapa identificou que 28 milhões de hectares de pastagens em condição intermédia ou severa têm alto potencial agrícola para conversão em grãos.

O impacto dessa transformação é monumental:

- Mais de 104 milhões de toneladas de soja e mais de 52,8 milhões de toneladas de milho poderiam ser adicionados à produção nacional, representando um salto de 52% na oferta de grãos;
- A conversão demandaria R\$ 482,6 bilhões em investimentos, mas geraria uma valorização fundiária de cerca de R\$ 904 bilhões;
- Evitaríamos a emissão de até 3,5 bilhões de toneladas de CO₂, já que cada hectare convertido em lavoura representa um hectare a menos de desmatamento.

Essa agenda de regeneração produtiva já conta com planos estruturados pelo governo brasileiro. O Programa Nacional de Conversão de Pastagens Degradadas prevê recuperar 40 milhões de hectares em 10 anos, com necessidade de cerca de US\$ 60 bilhões (R\$ 320 bilhões) em investimentos. Para viabilizar essa transição, foram estruturados mecanismos financeiros inéditos, como o leilão de hedge cambial do Eco Invest Brasil, que já mobilizou mais de R\$ 30 bilhões em capital catalítico junto a dez bancos, criando um ambiente seguro para atrair equity internacional, barter Brasil-China e instrumentos de finanças verdes.

Na ponta prática, a primeira fase do programa já está em andamento e deve atender até 3 milhões de hectares de pastagens nos próximos anos. Isso mostra que a agenda saiu do papel e está sendo implementada em escala, com foco inicial em áreas de maior degradação e aptidão agrícola. Ou seja, a agricultura regenerativa é, ao mesmo tempo, o maior programa de produtividade agrícola, conservação

ambiental e geração de valor imobiliário do mundo.

A demanda dos consumidores e dos mercados internacionais também pesa na decisão dos investidores. Prova disso é que, em países da Europa e nos Estados Unidos, governos e empresas já condicionam contratos agrícolas a critérios ambientais e de rastreabilidade. Como o Brasil é um dos maiores exportadores de alimentos do mundo, essas exigências acabam funcionando como uma espécie de barreira comercial, quem não se adapta corre o risco de perder espaço nas exportações. Nesse cenário, os sistemas regenerativos deixam de ser apenas uma escolha sustentável passam a ser um diferencial estratégico para garantir competitividade no comércio global.

Além disso, sistemas agrícolas regenerativos, que mantêm solos férteis e promovem a biodiversidade, apresentam maior resiliência a crises hídricas e eventos climáticos extremos.

A maior quantidade de matéria orgânica no solo aumenta sua capacidade de retenção de água, enquanto a cobertura vegetal e a diversidade de plantas e microrganismos protegem contra erosão, pragas e doenças. Essa combinação permite que as lavouras se recuperem mais rápido de períodos de seca ou chuvas intensas, reduzindo riscos e atraindo investidores que buscam estabilidade em um setor historicamente sujeito à volatilidade.

O desafio, entretanto, está no capital, a transição exige investimentos altos, com retorno de médio a longo prazo. É nesse ponto que plataformas de investimento coletivo, fundos de impacto e estruturas inovadoras de financiamento (como green bonds, CRA verde e crowdfunding regulado) ganham relevância, conectando investidores a projetos reais de regeneração produtiva.

Profissionalizar a gestão

Estruturar controles de custos, margens e indicadores de produtividade permite decisões mais seguras e prepara o sucessor para enxergar a fazenda como empresa. “Uma gestão profissionalizada dá clareza sobre resultados e fortalece a confiança dos jovens na continuidade da propriedade”, afirma Jaqueline.

Investir em tecnologia de precisão

Equipamentos como vagões misturadores com balança eletrônica, sensores de monitoramento e softwares de gestão garantem previsibilidade e eficiência, fatores valorizados pelas novas gerações da pecuária. “Quando os jovens passam a usar esse tipo de tecnologia, percebem que o campo já é moderno, inovador e conectado. O trabalho se torna mais ágil, seguro e lucrativo, mostrando que a fazenda é um lugar de oportunidades”, completa Jaqueline.

Reduzir o trabalho pesado

Divulgação Casale

“Reducir a carga física e simplificar processos ajuda a tornar a fazenda mais interessante para jovens que desejam manter o legado familiar”, comenta a diretora. Por isso, a automação de rotinas como trato e mistura de rações, que diminuem o esforço físico e o risco de erros, tornam o dia a dia mais viável e assertivo para colaboradores e familiares.

Valorizar e qualificar equipes

Com menos trabalhadores disponíveis, o futuro do campo depende de mão de obra mais qualificada. Criar um ambiente

de capacitação e desenvolvimento ajuda a reter bons profissionais. “Investir em qualificação profissional não só retém talentos, como também aumenta a produtividade e fortalece o time da fazenda”, reforça Jaqueline.

Planejar a sucessão com antecedência

Definir papéis, responsabilidades e etapas de transição entre gerações evita conflitos e assegura a continuidade do negócio. “Um plano de sucessão claro garante que os jovens sintam segurança e que a propriedade continue crescendo com eficiência”, observa a diretora da Casale.

Incorporar práticas sustentáveis

Jovens sucessores tendem a ser mais engajados em causas ambientais e sociais. “Práticas de sustentabilidade e bem-estar animal também demonstram que a fazenda está conectada ao futuro, atraindo sucessores que valorizam inovação e responsabilidade”, finaliza Jaqueline.

Híbrido fortalece a rentabilidade do cultivo de cenouras no Brasil

O cultivo de cenouras híbridas no Brasil vem ganhando destaque nos últimos anos graças ao avanço da pesquisa e ao desenvolvimento de materiais capazes de unir produtividade, qualidade e resistência. Para os produtores, especialmente aqueles que enfrentam os desafios do verão quente e chuvoso, os híbridos adaptados têm representado ganhos significativos em termos de estabilidade no campo e rentabilidade.

O especialista em Bulbos e Raízes, Samuel Sant'Anna, explica que o diferencial da cenoura Vitória F1, da Topseed Premium, por exemplo, está no conjunto de características que atendem tanto às necessidades agronômicas quanto às exigências do mercado consumidor. “Estamos falando de uma cenoura que alia alta qualidade de raízes a um pacote robusto de resistência a doenças, o que garante maior segurança ao produtor durante o cultivo”, afirma.

Segundo o especialista, o desempenho da Vitória é expressivo em diferentes regiões, do Sul ao Nordeste, com destaque para o alto verão, quando as temperaturas elevadas e as chuvas intensas

Agriplus do Brasil



Híbrido fortalece a rentabilidade do cultivo de cenouras no Brasil.

tribui diretamente para o aumento da produtividade”, pontua.

De acordo com Sant'Anna, a combinação dessas características tem se traduzido em resultados concretos para o mercado. “Quando comparado a materiais concorrentes, a cenoura Vitória chega a entregar 200, 300 e até 600 caixas a mais por hectare. Isso representa um diferencial competitivo significativo para os produtores que buscam maximizar seus ganhos”.

Outro ponto é a qualidade visual das raízes. A cenoura apresenta pele lisa e brilhante, coloração dentro do padrão de mercado e ótimo rendimento de lavoura. Conforme Samuel Sant'Anna, o fechamento de ombro e de ponta garante uniformidade, enquanto o alto percentual de classificação 3A torna o material ainda mais valorizado na comercialização. “Esse rendimento de raízes de categoria elevada é um dos fatores que mais têm chamado a atenção de quem cultiva a Vitória”.

Além disso, a praticidade no manejo também merece destaque, afinal, a cenoura Vitória F1 pode ser colhida de forma mecanizada, facilitando a operação no campo e reduzindo custos de produção.

Novos modelos de aquisição para soluções de IA e robótica

Com o objetivo de democratizar o uso da inteligência artificial e da robótica na agricultura, a Solinftec, referência global em soluções digitais e práticas agrícolas sustentáveis, anuncia novos modelos de aquisição de suas tecnologias. As principais novidades são o modelo de locação dos robôs Solix e o parcelamento direto com a companhia, ambos voltados a facilitar a adesão de produtores de diferentes perfis.

“Em um cenário em que os agricultores enfrentam margens apertadas e incertezas de mercado, a Solinftec se preparou para

oferecer novos modelos de negócio que viabilizem a adoção de tecnologia no campo. Queremos garantir que produtores de todos os tamanhos tenham acesso às nossas soluções”, afirma Emerson Crepaldi, COO da Solinftec para a América Latina.

Parcelamento direto com a Solinftec

Como destaque para os mercados de grãos (soja, milho e algodão) e cana-de-açúcar, a Solinftec passa a disponibilizar, de forma exclusiva, um modelo próprio de parcelamento, com taxas competitivas e diferentes formatos de pagamento:

- Sem juros;
- Parcelas reduzidas com saldo ao final do contrato;
- Carência inicial para pagamento;
- Alinhamento com o ciclo de safra/safrinha;
- Outras condições personalizadas.

Esse modelo reduz burocracias e oferece condições exclusivas, permitindo que mais produtores acessem tecnologias como o robô Solix e a plataforma de inteligência artificial Alice.